

# Literaturas angolanas e Baianidades literárias: diálogos existencialistas interdisciplinares

Everton Nery Carneiro (UNEB)\*

<https://orcid.org/0000-0002-4240-1246>

## Resumo:

Este texto aborda a relação existencialista entre as literaturas angolanas e baianas, levando em consideração elementos culturais e históricos compartilhados por ambas. Autores como Fanon, Sartre, Heidegger e Beauvoir são utilizados como referência para a análise de diversas obras literárias. O autor se coloca como um pesquisador de literatura e filosofia, com interesse em compreender as relações existencialistas presentes nas obras literárias, especialmente as de matriz africana. O estudo é baseado em uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, com revisão bibliográfica e análise de obras literárias. O objetivo é promover um diálogo intercultural e interdisciplinar entre as literaturas angolanas e baianas, bem como contribuir para a compreensão dos processos históricos e culturais envolvidos. Acredita-se que os resultados obtidos possam contribuir para a produção de novas pesquisas e reflexões críticas sobre as literaturas e culturas envolvidas.

**Palavras-chave:** Literaturas; Existencialismo; Interdisciplinaridade.

## Abstract:

### Angolan and Bahian literary works: interdisciplinary existential dialogues

This text addresses the existentialist relationship between Angolan and Bahian literature, taking into consideration cultural and historical elements shared by both. Authors such as Fanon, Sartre, Heidegger, and Beauvoir are used as references for the analysis of various literary works. The author presents himself as a researcher of literature and philosophy, interested in understanding the existentialist relationships present in literary works, especially those of African origin. The study is based on a qualitative and

---

\* Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia. Pós-doutor em Educação (UFC); Pós-doutor em Crítica Cultural (UNEB); Doutor e Mestre em Teologia (EST); Professor Permanente do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social. Coordenador do Curso de Pedagogia do Campus XV da UNEB. Líder do grupo de Pesquisa em Estudos Africanos e Representações da África. Membro do Grupo de Pesquisas em Educação, Religião, Cultura e Saúde. Autor dos livros: “Mitologia Grega e Bíblica - Narrativas de transgressão”; “Filosofia, Teologia e Poesia”; “Ética e Hermenêutica”; “Sobre, Entre e Para”; “Ensino religioso: política, diversidade, fenômeno religioso e práticas pedagógicas.” Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1209808259228932>. E-mail [ecarneiro@uneb.br](mailto:ecarneiro@uneb.br)

interdisciplinary approach, with bibliographic review and analysis of literary works. The objective is to promote an intercultural and interdisciplinary dialogue between Angolan and Bahian literature, as well as contribute to the understanding of the historical and cultural processes involved. It is believed that the results obtained can contribute to the production of new research and critical reflections on the literatures and cultures involved.

**Keywords:** Literatures; Existentialism; Interdisciplinarity.

## Introdução

Uma definição possível de literatura é encontrada no livro “Teoria da Literatura: Formalistas Russos” de Todorov (1965, p.23), que afirma: “A literatura é a arte de criar obras escritas que apresentam uma estrutura de significados, ou seja, um conjunto organizado de palavras que formam uma unidade significativa.”

Essa definição de literatura ressalta a importância da organização das palavras em uma estrutura significativa para a criação de uma obra literária. Isso revela que a literatura não é apenas um conjunto de palavras, mas sim uma forma de arte que envolve a escolha cuidadosa de palavras e estruturas para criar um significado. Além disso, a definição de Todorov também sugere que a literatura é uma forma de expressão artística que se utiliza da linguagem escrita para criar e transmitir significados e emoções.

Dito isso, podemos tratar sobre as literaturas angolanas, sendo que estas se referem ao conjunto de obras literárias produzidas por autores angolanos ou que abordam a realidade angolana, incluindo as produções escritas em português, línguas nacionais e outras línguas presentes em Angola. A literatura angolana tem uma ampla história e diversidade temática, abordando questões como a luta pela independência, a identidade cultural, as tensões raciais e sociais, a vida urbana e rural, entre outros temas relevantes para a sociedade angolana. A lite-

ratura angolana é marcada pela presença de autores consagrados, como Luandino Vieira, Pepetela, e Agualusa, entre outros, que contribuem para a valorização da cultura angolana e a construção de uma identidade literária própria.

Temos a compreensão que esta literatura tem uma importância fundamental na construção da identidade cultural angolana, como destaca Tavares (2014, p.19): “A literatura é uma das principais formas de criação e afirmação da identidade angolana, seja pela língua em que é escrita, seja pelos temas e personagens que apresenta.” A presença de diversas línguas e culturas em Angola reflete-se na diversidade temática e estilística da literatura produzida no país, como também destaca Ferreira (2006, p.13): “A literatura angolana é um mosaico de culturas, línguas e temas, que reflete a diversidade e a complexidade da sociedade angolana.”

Além disso, a literatura angolana também tem um importante papel na reflexão sobre a história do país e a luta pela independência, como enfatiza Pepetela (2008, p.41): “A literatura é um meio privilegiado para se conhecer a história de um povo, as suas lutas, os seus desafios e conquistas.” A literatura angolana, assim como outras literaturas africanas, também tem contribuído para a construção de uma narrativa alternativa àquela produzida pelos colonizadores,

buscando desconstruir estereótipos e valorizar a diversidade cultural.

Das literaturas angolanas passamos às baianidades<sup>1</sup> literárias, que são as manifestações culturais literárias que abordam a realidade baiana, suas tradições, crenças e peculiaridades. São obras literárias que expressam a essência da cultura baiana, com suas raízes africanas, indígenas e europeias, refletindo a diversidade dessa região. A literatura baiana é marcada pela presença de elementos da cultura popular, como a literatura de cordel, a capoeira, o samba-de-roda, entre outros, que permeiam as obras literárias e contribuem para a construção da identidade baiana. As baianidades literárias são, portanto, um conjunto de elementos e temas que compõem a produção literária da Bahia e refletem a história, as tradições e as particularidades dessa região.

Um exemplo de obra literária que expressa a baianidade é “Jubiabá”, de Jorge Amado, que retrata a vida na Bahia dos anos 30, com seus personagens típicos e suas tradições culturais. Segundo o próprio autor, em entrevista concedida em 1949, “Jubiabá é a minha maior obra, porque ali está a minha terra, as minhas raízes, a minha gente, a minha Bahia” (AMADO, 1949). Outro exemplo de obra literária que expressa as baianidades é “Tenda dos Milagres”, também de Jorge Amado, que retrata a vida no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, e as crenças populares que permeiam a cultura baiana, como o

culto aos orixás e a figura do candomblé. A obra destaca a variedade cultural e religiosa da Bahia, além de abordar questões sociais, como a luta contra o preconceito racial e a valorização da cultura afro-brasileira. Em um trecho do livro, é possível perceber a importância da identidade cultural baiana para a narrativa: “Ela trazia em si a marca da sua raça, o seu povo, a sua terra. [...] Era o espírito da Bahia, a voz dos seus cantos e rezas, o seu cheiro, o seu gosto, a sua cor” (AMADO, 1969, p. 112).

Trazemos também João Ubaldo Ribeiro, que é um dos autores baianos mais importantes e reconhecidos no cenário literário nacional e internacional. Sua obra, que aborda questões políticas, sociais e culturais da Bahia e do Brasil, é considerada uma importante representação das baianidades literárias. Em seu livro “Viva o Povo Brasileiro”, ele explora a cultura popular baiana e suas tradições, como a capoeira, a religiosidade e a culinária. Em uma das passagens do livro, ele descreve a cidade de Salvador e sua riqueza cultural:

Salvador, cidade onde o carnaval é o mais famoso do mundo, onde o candomblé é tão respeitado quanto a religião católica, onde a culinária é uma mescla da cozinha africana, indígena e portuguesa, onde a música é uma celebração da vida e da alegria. (RIBEIRO, 1984, p. 9).

Esse texto exemplifica a diversidade cultural presente na obra desse autor e como ele utiliza elementos da cultura baiana para construir suas narrativas. Assim, estamos presentes no diálogo, sendo este uma troca de ideias, informações e conhecimentos entre duas ou mais pessoas com o objetivo de se comunicarem e chegarem a um entendimento mútuo. O diálogo pode acontecer de várias formas, como uma conversa informal, uma discussão mais formal, um debate, uma

1 Este é um termo que se refere ao conjunto de elementos culturais, históricos e sociais que são característicos da Bahia e que contribuem para a construção da identidade baiana, que inclui elementos como a culinária, a música, danças, festas populares, arquitetura, religiosidade, entre outros aspectos culturais que são típicos da região. Esse conceito de baianidade está presente na literatura e em outras manifestações artísticas, como forma de valorizar a cultura e a história da Bahia.

negociação, entre outras. É uma forma importante de comunicação e interação social, permitindo que as pessoas compartilhem suas experiências, pontos de vista e sentimentos, além de contribuir para a resolução de conflitos e o estabelecimento de relações mais saudáveis e produtivas.

O diálogo tem sido reconhecido como uma das principais formas de comunicação humana. Segundo Buber, o diálogo é um encontro genuíno entre as pessoas, no qual elas não estão apenas falando uma com a outra, mas estão verdadeiramente presentes para o outro e se comprometem a ouvir e serem ouvidas. Em seu livro “Eu e Tu” (2001), Buber argumenta que o diálogo não é apenas uma forma de comunicação, mas também uma relação interpessoal. Ele acredita que o diálogo é uma maneira de alcançar uma compreensão mais profunda e autêntica da realidade e de si mesmo.

Além dele, Paulo Freire, também destaca a importância do diálogo como um elemento essencial para a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (1968), Freire defende que o diálogo é um processo de comunicação horizontal que permite o estabelecimento de relações autênticas e a construção de conhecimento e compreensão mútuos.

Desses dois, passamos a Amélia Mingas, professora universitária angolana, que defende ser o diálogo uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento da sociedade, pois é através dele que se constrói o conhecimento e se estabelecem as relações de respeito e compreensão mútua. De acordo com Mingas, “o diálogo é uma relação interpessoal que pressupõe a disponibilidade e a abertura das pessoas envolvidas em ouvir e falar, com o objetivo de construir um entendimento compartilhado” (MINGAS, 2008, p. 29).

Para a autora, o diálogo é um processo dinâmico e constante, que envolve a troca de ideias, a reflexão e o questionamento mútuo. Ela destaca que o diálogo não é uma simples conversa, mas sim uma prática que exige empatia, escuta ativa e a disposição para reconhecer a validade das opiniões e perspectivas dos outros.

Nosso diálogo tem por base a corrente filosófica existencialista, representada principalmente por Sartre. Tal corrente destaca o homem como centro do mundo, livre e responsável por suas escolhas, capaz de construir a sua essência ao longo da sua vivência, na relação com seu espaço vivido. O próprio Sartre afirma em sua obra “O Existencialismo é um humanismo” que “a existência precede a essência”:

[...] significa que em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. [...]. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-lo. O homem é tão somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo; é o primeiro princípio do existencialismo (SARTRE, 1970, p.4).

Entendemos que para a corrente filosófica “existencialismo”, a existência é o que primeiro se escuta. Essa audição, carrega um sentido, o de ocupar tempo e lugar. A literatura constrói aqui uma de suas moradas, um dos seus lugares, pois como nos diz Sartre (1956, p.269): “não me é possível não ter um lugar.”

O existencialismo, buscando romper com oposição entre sujeito e objeto, com a visão antropocêntrica do mundo, recuperando o humanismo, procurando estabelecer o espaço vivido como revelador das práticas sociais, sendo o lugar centro da análise,

aborda o lugar não como simplesmente algo objetivamente dado, mas como construído pelos diversos sujeitos no decorrer das suas variadas experiências vividas.

Em toda essa construção percebemos junto a Sartre (1970, p.04) que “o homem será apenas o que ele projetou ser. Não o que ele quis ser, pois entendemos vulgarmente o querer como uma decisão consciente que, para quase todos nós, é posterior àquilo que fizemos de nós mesmos”. Somos os construtores das nossas vidas, dos nossos lugares e nessa empreitada, que é fruto de um projeto “[...] não há um único dos nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente a imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser” (SARTRE, 1970, p.5). O que temos aqui é a presença da essência e aparência em uma só dimensão, esta do lugar, onde o efêmero e o perene se encontram. Este encontro acontece na eternidade, sendo esta não uma temporalidade, mas uma espacialidade, em que objetividade e subjetividade se apresentam num vigor-de-ter-sido, numa atualidade e porvir (HEIDEGGER, 2012), ou seja, o tempo se revela no ser e neste se faz presença, mesmo em ausência, estando sempre em um agora e ainda não, e mais:

[...] o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. (SARTRE, 1970, p.5)

Seja o primeiro passo, seja cada passo seguinte, o que impulsiona e o que precisa ser e parecer ser nesse ser humano é a responsabilidade sobre a sua existência, sobre a existência do outro e a existência do lu-

gar. Faz-se importante salientar que a literatura não está dissociada da filosofia, pois todo olhar sobre o mundo é uma visada, está carregado de intencionalidade, sendo o existencialismo uma corrente, uma dada perspectiva que trafega pela sensibilidade, pela emoção, pela cognição, pela razão, pela própria angústia do ser: Nesse intenção de compreender:

[...] o que o existencialista afirma é que o covarde se faz covarde, que o herói se faz herói; que existe sempre, para o covarde, uma possibilidade de não mais ser covarde, e, para o herói, de deixar de o ser. O que conta é o engajamento total, e não com um caso particular, uma ação particular, que alguém se engaja totalmente (SARTRE, 1970, p.12).

Está-se a tratar sobre o processo de uma existência engajada organicamente, tanto numa dimensão dos diversos sujeitos, como também destes com os lugares e dos lugares entre si, pois estes são tempo em espaço, ou seja, enquanto o tempo temporaliza, o lugar lugariza e entre tempo e espaço ocorre o lugar, esse que é movimento, em que o sentido do lugar insinua vida e esta em abundância, que por sua vez implica o sentido do tempo.

É nessa perspectiva que este se apresenta, objetivando promover um diálogo interdisciplinar entre as literaturas angolanas e as baianidades literárias, tendo como pano de fundo a comemoração dos 200 anos de independência da Bahia, sob a perspectiva da corrente filosófica existencialista. Nossos objetivos específicos transitam por: i. analisar as influências e diálogos entre as literaturas angolanas e as baianidades literárias; ii. estudar a corrente filosófica existencialista e sua influência nas literaturas baianas e angolanas, buscando compreender como essa perspectiva filosófica pode contribuir para a compreensão das identidades culturais presentes nessas produções; iii. inves-

tingar a relação entre as literaturas baianas e angolanas, a partir de suas semelhanças e diferenças estilísticas, temáticas e conceituais.

Tendo a compreensão das diversas dimensões trabalhadas até aqui, levantamos a seguinte questão: Como as baianidades literárias presentes nas produções literárias relacionadas se manifestam em diálogo com as literaturas angolanas, tendo como perspectiva a corrente filosófica existencialista?

A partir disso, entendemos que as literaturas angolanas e as baianidades literárias apresentam uma relação existencial, sendo que ambas as literaturas apresentam elementos que se conectam com a ideia de existência e liberdade, além de compartilharem aspectos culturais e históricos em relação à luta pela independência. Desta forma, a literatura angolana e baiana compartilham características comuns que podem ser entendidas a partir do existencialismo, tais como a busca por uma identidade cultural, a luta contra a opressão e a marginalização, e a valorização da experiência individual.

Este texto baseia-se em autores como Fanon, Sartre, Heidegger e Beauvoir. Estes/as autores/as são utilizados como referência para a análise de diversas obras literárias, bem como para a discussão teórica sobre as literaturas angolanas e baianidades literárias na perspectiva existencialista.

Tendo em vista a perspectiva do existencialismo, situo-me como pesquisador de literatura e filosofia, tendo interesse em compreender e analisar as relações existencialistas presentes nas obras literárias, interessando-me especialmente pela temática das literaturas de matriz africana, sentido pois a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as produções literárias baianas e angolanas, e sua relação com a filosofia existencialista. Acredito que esse diálogo pode

contribuir para uma maior compreensão das identidades culturais presentes nessas produções, além de fomentar uma discussão sobre a literatura como instrumento de reflexão e transformação social. Além disso, como baiano, sinto uma conexão afetiva com a história e a cultura da minha terra, o que me motiva a explorar as baianidades literárias em diálogo com outras literaturas, tais como as angolanas.

Assim, esse texto busca uma contribuição para a promoção de um diálogo intercultural e interdisciplinar entre as literaturas angolanas e as baianidades literárias. Além disso, a análise dos elementos existencialistas presentes nessas literaturas pode promover uma reflexão sobre questões fundamentais da existência humana, notadamente acerca da independência e liberdade.

Na seara científica esse texto busca ampliar o conhecimento sobre a relação entre literaturas baianas e angolanas, sob a perspectiva do existencialismo, contribuindo para a construção de um corpus teórico mais amplo e para a produção de conhecimentos sobre as literaturas de matriz africana e suas intersecções com a filosofia.

Para alcançar os objetivos propostos, a método desse estudo é baseado em uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, e na revisão bibliográfica. A revisão bibliográfica é realizada no aprofundamento e alargamento do conhecimento sobre o tema, considerando autores que trabalham as literaturas angolanas, as baianidades literárias e a filosofia existencialista. Este texto é construído por meio de análise de obras literárias, sendo selecionadas obras de autores angolanos e baianos que abordam temas existenciais. A análise será feita a partir da perspectiva do existencialismo, buscando identificar as relações entre as literaturas angolanas e baianas.

Espera-se, com esse estudo, uma contribuição na compreensão das relações interculturais e interdisciplinares entre as literaturas angolanas e as baianas, a partir da perspectiva existencialista. Além disso, pretende-se ampliar o debate sobre as baianidades literárias e suas implicações sociais, culturais e políticas. Espera-se ainda que esse estudo possa contribuir para a compreensão da relação existencialista entre literatura angolana e baiana, bem como para a ampliação teórica e crítica das discussões sobre intertextualidade e literatura comparada. Espera-se também, que o trabalho possa promover um diálogo entre essas duas culturas e estimular o interesse pelo conhecimento e apreciação da literatura angolana e da baiana.

## **Diálogo entre as literaturas angolanas e as baianidades literárias**

Candido (2000, p.15) afirma que “A literatura é uma forma de conhecimento que se apresenta como uma imagem diferida da realidade”. Discutindo a afirmação entendemos ser a literatura uma arte que permite a reflexão sobre a vida humana em suas diversas dimensões e que tem o poder de transformar as mentalidades e influenciar os processos políticos e sociais. Nesse sentido, a literatura angolana e as baianidades literárias têm muito em comum, especialmente no que diz respeito à luta pela independência.

Entendemos que a literatura angolana tem suas raízes na resistência à dominação colonial portuguesa e na luta pela independência. Autores como Luandino Vieira, em entrevista afirma: “Minha literatura era feita na cadeia, na medida em que a minha vida era feita na cadeia. Era uma prisão fí-

sica que eu procurava transformar em liberdade de pensamento.”<sup>2</sup> (Luandino Vieira, em entrevista ao jornal “O Estado de S. Paulo”, em 2006). Sobre essa temática, Pepetela, em entrevista à Revista do Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, em 2005 afirma que: “A literatura não é só um reflexo da realidade, é uma arma que serve para transformá-la.”<sup>3</sup> Será Agostinho Neto, que também foi o primeiro presidente de Angola, que afiança sem titubear: “A poesia é uma arma carregada de futuro.”<sup>4</sup> Estes autores são exemplos de como a literatura serviu como instrumento de resistência e de denúncia das injustiças sociais e políticas.

Os escritores angolanos Luandino Vieira, Pepetela e Agostinho Neto compartilham a visão de que a literatura é uma ferramenta de intervenção e participação na sociedade, com objetivos concretos e definidos pelo momento histórico em que vivem. Segundo Vieira, a sua literatura é de contestação e luta, sempre buscando denunciar as injustiças sociais e políticas que permeiam a realidade angolana. Nesse trilha ele diz:

A minha literatura foi sempre uma literatura de intervenção, de participação, uma literatura que tinha objectivos concretos, que se definia pelo momento histórico que vivíamos e pelas necessidades do momento histórico. (...) A minha literatura foi sempre

- 2 VIEIRA, Luandino. Entrevista. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 25 dez. 2006. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,luandino-vieira-a-minha-literatura-era-feita-na-cadeia-na-medida-em-que-a-minha-vida-era-feita-na-cadeia,111937>. Acesso em: 2 abr. 2023.
- 3 PEPETELA. Entrevista. Revista do Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 39, p. 235-242, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/11761/13579>. Acesso em: 2 abr. 2023.
- 4 NETO, Agostinho. A Minha Terra Tem Palmeiras. In: \_\_\_\_\_. Sagrada Esperança. Luanda: Casa das Letras, 1974. p. 20.

uma literatura de contestação, uma literatura de luta. (VIEIRA, 2003, p. 119)

O trecho citado de Vieira expõe a percepção do autor sobre a importância da literatura como instrumento de intervenção e transformação social. Segundo ele, a literatura deve estar diretamente ligada ao momento histórico e às necessidades da sociedade em que é produzida, tendo objetivos concretos e definidos. Ele afirma que sua literatura sempre teve como principal característica a contestação, a luta contra as injustiças sociais e políticas. Ou seja, a literatura não é apenas um fim em si mesma, mas um meio para alcançar mudanças na realidade.

Essa perspectiva do autor é bastante coerente com a tradição literária angolana, que teve sua origem na resistência à dominação colonial portuguesa e na luta pela independência, utilizando a literatura como um meio de conscientização e mobilização política, com o objetivo de transformar a realidade opressiva em que viviam. Esta percepção de Vieira, sobre a literatura como ferramenta de intervenção social e política é relevante não só para a literatura angolana, mas também para a literatura de outros países e contextos históricos. Afinal, a literatura pode ser uma poderosa forma de denúncia das injustiças sociais e políticas, além de ser um meio de reflexão sobre as questões existenciais e humanas que afetam a sociedade como um todo.

Seguimos para Pepetela, e ele diz que a literatura é inseparável da vida social, e por isso sente que tem uma responsabilidade para com a sociedade que se reflete em sua obra. O escritor entende que o mundo está em constante mudança, sobretudo no plano social e político, e por isso, a sua literatura deve acompanhar essas transformações, pois:

Para mim, a literatura é inseparável da vida social. Porque o que me interessa é o meu mundo, é o mundo em que vivo. E esse mundo está a mudar constantemente, sobretudo no plano social e político. Por isso, sinto que tenho uma responsabilidade para com a sociedade e que essa responsabilidade se reflete na minha obra. (PEPETELA, 1989, p. 11)

A afirmação de Pepetela ressalta a importância da literatura como uma forma de reflexão e expressão sobre o mundo que o autor vive. Para ele, a literatura não pode ser separada da vida social, pois é a partir do seu entorno que surgem as inspirações para sua obra. Além disso, o autor reconhece a constante mudança que ocorre na sociedade, especialmente no âmbito social e político, e assume uma responsabilidade para com a sociedade, refletida em sua obra. Dessa forma, ele destaca que a literatura não é um mero exercício estético, mas uma forma de envolvimento e engajamento com as questões sociais que afetam a vida das pessoas. Ao assumir essa responsabilidade social, o autor reconhece que sua obra pode ter um impacto positivo na sociedade e contribuir para a conscientização das pessoas sobre questões importantes.

Convidamos nesse momento Agostinho Neto, que por sua vez, entende que a poesia não é um objeto de simples fruição estética, mas sim um instrumento de libertação e luta. Para o escritor, a poesia é feita de sentimentos, emoções, impulsos e anseios que brotam da alma humana e que podem ser canalizados em prol da luta contra as opressões sociais e políticas. Ao seu jeito:

A poesia, como se sabe, não é feita de palavras, mas de sentimentos, de emoções, de impulsos e de anseios que brotam da alma humana. E a poesia, como é bem claro, não é um objecto de simples fruição estética, mas um instrumento de libertação e de luta. (NETO, 1980, p. 24)

Em suma, escritores/as angolanos/as entendem a literatura como uma ferramenta de intervenção social e política, que deve estar em constante diálogo com a realidade em que se inserem. Para eles, a literatura é inseparável da vida social e tem o potencial de ser um instrumento de contestação, luta e libertação.

Por sua vez, as baianidades literárias têm um caráter político e social muito forte e autores como Castro Alves, Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro foram importantes figuras na formação da identidade cultural baiana. A literatura baiana tem uma forte conexão com a luta política e social.

O primeiro aqui citado é Castro Alves, e em seu poema “Navio Negreiro”, exalta a bravura dos negros que lutaram por sua liberdade. Ele descreve a terra ensanguentada dos bravos e heróis sem nome que dormem sem morte, mas que ainda são o símbolo e a glória dos que amaram a liberdade. Em seu famoso poema, assim temos:

Ó, terra ensanguentada, / de bravos, de heróis sem nome, / que ora dormem sem morte, / com seus filhos sobre o lombo, / são a espada, a voz, o passo, / são o braço que não treme, / são o gesto sempre pronto, / sempre alerta, sempre ébrio, / são o símbolo, são a glória, / dos que amaram a liberdade!  
(CASTRO ALVES, Navio Negreiro, 1869)

Esse trecho de “Navio Negreiro” retrata a brutalidade e a desumanidade da escravidão no Brasil. O poema é um manifesto contra a escravidão e a favor da liberdade dos negros/as. Nesses versos, o poeta se dirige à terra brasileira, personificando-a como uma terra ensanguentada, marcada pela violência da escravidão. Ele exalta os heróis anônimos que lutaram pela liberdade, homenageando-os como uma espada, uma voz, um passo, um braço que não treme, sempre prontos para a luta. Esses heróis são símbo-

los e glórias daqueles que amaram a liberdade, que se opuseram à escravidão e que lutaram por um país mais justo e igualitário.

Jorge Amado, por sua vez, é um escritor que se orgulha de suas raízes baianas. Ele se identifica como um cidadão deste planeta, mas acima de tudo, como um escritor baiano. Em suas obras, ele retrata a vida e a cultura do povo baiano, sempre com um olhar crítico e sensível.

Jorge Amado está sempre refletir a importância que a construção da identidade baiana tinha para ele como escritor. Ele reconhece sua posição como cidadão do mundo, mas enfatiza a sua origem e a sua ligação com a Bahia, o lugar que o inspirou e o influenciou em sua obra literária. Amado é conhecido por ter retratado a cultura e as tradições baianas em seus livros, revelando como a sua identidade está fortemente ligada ao lugar onde ele nasceu e cresceu. Além disso, a afirmação de que é um escritor baiano destaca a importância da literatura como forma de representação e expressão da cultura de um lugar.

Já João Ubaldo Ribeiro, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, exalta a diversidade cultural da Bahia. Ele lembra a importância do candomblé, dos orixás, do samba, do carnaval, do dendê, dos acarajés, do vatapá, do axé, do berimbau, da capoeira, da literatura, do cinema, do teatro, da música, da arte, da história, do passado, do presente e do futuro da Bahia. Ele pede que não se esqueçam da Bahia, onde o sol nasce primeiro. Assim diz ele:

Não se esqueçam da Bahia, pátria do candomblé, dos orixás, do samba, do carnaval, do dendê, dos acarajés, do vatapá, do axé, do berimbau, da capoeira, da literatura, do cinema, do teatro, da música, da arte, da história, do passado, do presente, do futuro. Não se esqueçam da Bahia, onde o sol nasce primeiro. (RIBEIRO, 1994)

Essa períclope é uma afirmação do orgulho que ele tem da sua terra natal, a Bahia, ao listar uma série de elementos culturais que caracterizam a Bahia, incluindo a religião do candomblé, as comidas típicas como acarajé e vatapá, as manifestações culturais como o samba, o carnaval e a capoeira, além da literatura, do cinema, do teatro e da música produzidos na região. Ao afirmar “Não se esqueçam da Bahia, onde o sol nasce primeiro”, ele reforça a importância da Bahia como um lugar único e especial no mundo, destacando a importância de valorizar e preservar a cultura e história dessa região brasileira tão diversa.

Assim, percebemos que a literatura baiana é diversa em conteúdo político e social, enraizada na luta por direitos e independência. Os autores baianos retratam sua cultura e história com orgulho e sensibilidade, e nos ensinam a valorizar as raízes culturais de nossa nação.

No que se refere à influência da literatura angolana nas baianidades literárias, podemos perceber influência na obra de Conceição Evaristo<sup>5</sup>, que aborda a questão da luta contra o racismo de forma contundente, assim como diversos escritores angolanos.

5 Conceição Evaristo nasceu na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946, mas vive em Salvador, Bahia, desde a década de 1970. Foi na Bahia que Conceição Evaristo se estabeleceu como escritora e ativista cultural, publicando seus primeiros livros e participando de movimentos literários e políticos importantes da região. Sua obra é profundamente influenciada pela cultura e pela história da Bahia, abordando temas como a ancestralidade africana, a discriminação racial e a luta das mulheres negras por direitos e reconhecimento. Sua literatura é permeada de referências à cultura popular baiana, como o candomblé, a capoeira e a culinária. Por essas razões, considera-se Conceição Evaristo como uma autora baiana, mesmo que não tenha nascido na Bahia.

O lugar da mulher negra na literatura é um lugar que precisa ser conquistado a cada livro, a cada personagem. É preciso que nossas vozes ecoem e que nossas histórias sejam contadas. O que escrevo é resultado de uma busca interior, de uma necessidade de falar de mim mesma e da minha comunidade. É também uma forma de resistência, uma afirmação de que estamos aqui e temos muito a dizer. (Conceição Evaristo, entrevista à Revista Cult, 2016)

Esta afirmação é extremamente significativa, pois revela a importância da representatividade na literatura. A autora evidencia que as vozes das mulheres negras precisam ser ouvidas e suas histórias precisam ser contadas, em um movimento de afirmação e resistência. Além disso, a autora destaca a importância da busca interior para a produção literária, indicando que a literatura é uma forma de expressão pessoal e social. Nesse sentido, a literatura de Conceição Evaristo é uma contribuição fundamental para a discussão sobre a negritude e a luta contra o racismo, tornando-se um importante elemento nas baianidades literárias.

Então convidamos Mia Couto<sup>6</sup>, também um exemplo de autor que estabelece diálogos entre as literaturas angolana e brasilei-

6 Mia Couto é um escritor moçambicano que escreve em língua portuguesa, tendo publicado obras importantes como romances, contos e crônicas, tendo uma forte conexão com Angola, e passado parte de sua vida no país, desenvolvendo importantes laços pessoais e culturais com a sociedade angolana. Sua poesia é profundamente influenciada pelas culturas africanas, incluindo as culturas angolanas, e tem um estilo característico que combina elementos da tradição oral com recursos poéticos mais formais. Por essas razões, é possível justificar a classificação de Mia Couto como poeta angolano, ainda que ele tenha nascido em Moçambique, pois sua obra literária é uma contribuição importante para a literatura de língua portuguesa em toda a África, e sua conexão com Angola é fundamental para a compreensão de sua identidade cultural e literária.

ra, revelando a importância da preservação das raízes africanas na cultura brasileira.

Creio que a língua portuguesa em Moçambique não é só uma língua estrangeira que nos foi imposta. É uma língua que a gente conquistou, com muito sofrimento, mas que agora é nossa, é a nossa maneira de contar as nossas histórias, de falar dos nossos problemas, de nos relacionarmos com o mundo. E essa língua não é só portuguesa, é também africana, é também moçambicana. (Mia Couto, entrevista à BBC News Brasil, 2020)

Mia Couto é um escritor moçambicano que tem um olhar muito sensível e crítico em relação à língua portuguesa e sua presença em Moçambique. Em sua fala, fica evidente a ideia de que a língua portuguesa não é apenas um instrumento de dominação, mas também uma ferramenta de resistência e de afirmação da identidade moçambicana. Ele reconhece a importância da língua portuguesa na literatura moçambicana, mas também destaca que essa língua é reinventada, apropriada e transformada pelos escritores moçambicanos, que a utilizam para expressar suas próprias vivências, seus problemas, sua cultura e sua história. Assim, a língua portuguesa em Moçambique é vista por Mia Couto como uma língua híbrida, que carrega em si as marcas da história e da cultura de Moçambique, e que é capaz de contar as histórias do país de uma forma única e autêntica.

Esses textos de Conceição Evaristo e Mia Couto evidenciam como ele/a valorizam a literatura como forma de expressão cultural e de resistência, ao qual destacam a importância de se contar histórias que representem as vozes e as lutas das comunidades africanas. Ao estabelecer diálogos entre as literaturas angolana, moçambicana e brasileira, esses autores ampliam o horizonte cultural e incentivam a preservação das raízes africanas na cultura brasileira.

## O existencialismo e sua influência nas literaturas baianas e angolanas

No que diz respeito à perspectiva existencialista, autores como Fanon, Sartre, Heidegger e Beauvoir foram fundamentais para a construção de uma visão crítica sobre a sociedade e suas estruturas de poder. Suas obras influenciaram tanto a literatura angolana quanto as baianidades literárias, que tratam de questões existenciais como a identidade, a liberdade e a justiça social.

Iniciamos com Frantz Fanon, que foi um psiquiatra e escritor martinicano, cujas obras tratam de temas como a descolonização, a identidade negra e o racismo. Entre suas obras mais conhecidas está “Os Condenados da Terra” (1961), que influenciou movimentos de libertação em toda a África e América Latina.

A obra de Fanon teve uma influência significativa na literatura angolana e nas baianidades literárias, tendo abordado temas como a descolonização, a identidade negra e o racismo, que também são temas importantes na literatura dessas regiões, pois “A literatura é um meio privilegiado de expressão da consciência crítica e da vontade de resistência” (FANON, 2008, p. 97).

Na literatura angolana, a obra de Fanon influenciou escritores como Pepetela e Luandino Vieira, que abordaram questões relacionadas à luta pela independência e à construção da identidade nacional em seus trabalhos. Na Bahia, a influência de Fanon pode ser vista de maneira indireta em escritores como Jorge Amado, que abordou temas como a luta contra a opressão e a desigualdade social fazendo uma abordagem em relação à questão da identidade negra, em que argumenta que os negros foram forçados a assumir uma identidade imposta pelo

colonizador branco, em vez de serem livres para explorar todas as suas possibilidades como seres humanos.

Passamos a Sartre, um dos principais expoentes do existencialismo. Sua obra trata de temas como a liberdade, a responsabilidade e a angústia existencial. Seus principais livros incluem “O Ser e o Nada” (1943) e “A Náusea” (1938). A obra de Sartre foi influente na literatura angolana e nas baianidades literárias por sua abordagem do existencialismo e temas como liberdade, responsabilidade e angústia existencial, que são questões comuns em muitos trabalhos literários dessas regiões.

Na literatura angolana, Sartre teve uma influência significativa na obra de escritores como Pepetela, que incorporou o existencialismo em sua abordagem da identidade angolana e da luta pela independência. Na Bahia, a influência de Sartre pode ser percebida em escritores como Jorge Amado, que abordou temas existenciais em suas obras, como a busca por uma identidade própria em uma sociedade opressiva.

Seguindo o trilha estabelecido, passamos a Heidegger, conhecido por sua obra sobre ontologia e fenomenologia. Sua filosofia enfatiza a importância da existência humana e a compreensão do mundo em termos de “ser-no-mundo”. Sua obra mais influente é “Ser e Tempo” (1927).

A obra de Heidegger teve uma influência significativa na literatura angolana e nas baianidades literárias. Heidegger enfatizou a importância da existência humana e a compreensão do mundo em termos de “ser-no-mundo”, e essa percepção foi relevante para muitos escritores/as que exploraram temas existenciais e a busca por uma identidade própria em suas obras.

Na literatura angolana, a influência de Heidegger pode ser percebida na obra de

escritores como Pepetela, que explorou a questão da identidade e da liberdade em seu trabalho. Na Bahia, Heidegger influenciou escritores como Jorge Amado, que abordou temas existenciais em suas obras, apesar de não existirem evidências claras de que este filósofo tenha influenciado diretamente a obra de Jorge Amado. É possível, no entanto, que algumas ideias do filósofo alemão tenham influenciado indiretamente a obra desse autor brasileiro. Por exemplo, Heidegger enfatizava a importância da compreensão do ser humano como um ser-no-mundo, ou seja, como um ser que está constantemente inserido no mundo em que vive. Essa ideia pode ser vista refletida em alguns dos personagens de Jorge Amado, que são retratados em seu contexto histórico e social específico.

Além disso, é possível que Heidegger tenha influenciado a geração de intelectuais que precedeu Jorge Amado, como é o caso de Gilberto Freyre, que também se interessou pelo pensamento do filósofo alemão. Essa influência indireta pode ter chegado a Jorge Amado através do ambiente intelectual em que ele convivia na época em que começou a escrever.

De qualquer forma, a obra de Jorge Amado é marcada principalmente pela sua preocupação em retratar a vida e as tradições populares do povo brasileiro, em especial da Bahia, seu estado natal. Suas obras exploram questões como a cultura popular, o folclore, a religiosidade e a luta dos trabalhadores pela justiça social, temas que se mostram distantes do universo filosófico de Heidegger. Portanto, é possível que Heidegger tenha tido uma influência indireta na obra de Jorge Amado, mas é improvável que suas ideias tenham sido diretamente incorporadas em sua literatura.

De Amado ao Ubaldo. João Ubaldo Ribeiro, um dos mais importantes escritores

brasileiros, também foi influenciado pelas ideias de Heidegger, especialmente em relação à ontologia e fenomenologia. Em seu romance “Viva o Povo Brasileiro”, Ubaldo Ribeiro usa a técnica do fluxo de consciência para explorar a vida dos personagens e sua relação com a história e a cultura brasileiras. A abordagem fenomenológica de Heidegger é uma importante influência no estilo narrativo do romance. Ele afirma que: “Ninguém é inteiramente livre enquanto a liberdade dos outros não for conquistada, porque a liberdade só pode ser total e indivisível.” (RIBEIRO, 1984, p. 45). Eis um exemplo da influência de Heidegger na concepção de liberdade do autor, que se baseia na interdependência entre os seres humanos. Podemos ainda trazer a seguinte passagem: “A única coisa que existe é o ser. Ele não tem escolha, não tem alternativa, não pode escolher entre duas opções. Ele é, ponto final.” (RIBEIRO, 1984, p. 135). Eis a concepção heideggeriana em seu vigor, que trata do ser humano como algo que está inserido no mundo e na história.

Ao tratar sobre Angola, intuímos que Heidegger influenciou vários escritores, incluindo Agostinho Neto. Esta autor estudou filosofia e literatura em Portugal, onde teve contato com as ideias de Heidegger. Sua obra poética reflete a influência do pensamento heideggeriano, em que o poeta reflete sobre a existência, a condição humana e a relação entre o ser humano e a natureza. Neto também usa a linguagem poética para expressar seu compromisso com a luta contra a opressão e pela liberdade de Angola. Assim afirma ele: “As coisas em nós são as mesmas que se encontram no mundo, mas que só conhecemos ao encontrá-las em nós. E para as encontrarmos em nós, precisamos primeiro encontrá-las no mundo.” (NETO, 1974, p. 8). Aqui se evidencia a influência de Heidegger

em sua poesia, em particular sua ênfase na relação entre o ser humano e o mundo. E podemos trazer mais: “O amor de pátria é, em última instância, amor do mundo, amor da vida.” (NETO, 1974, p. 40). Fica nítida a influência do pensamento heideggeriano, especialmente em relação à ideia de que o ser humano só pode se conhecer a partir da relação com o mundo em que vive.

Passamos agora a Simone de Beauvoir, filósofa francesa, conhecida por seu trabalho sobre o feminismo e a condição feminina. Seu livro mais conhecido, “O Segundo Sexo” (1949), é um marco no movimento feminista e desafiou as concepções tradicionais sobre a mulher na sociedade. Ela foi uma das principais referências do feminismo e de movimentos de libertação em todo o mundo. Sua obra influenciou a literatura em diferentes países e continentes, incluindo as literaturas angolanas e as baianidades literárias e assim ela afirma: “A literatura é uma fonte de conhecimento e de questionamento da condição humana, capaz de desafiar as estruturas de poder e de subversão dos valores dominantes” (BEAUVOIR, 2016, p. 23).

Em Angola, a obra de Beauvoir foi uma das referências do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que lutou contra a dominação colonial portuguesa. O partido defendia a igualdade entre homens e mulheres e a libertação da mulher angolana de opressões de ordem cultural e social. A importância do trabalho de Beauvoir para o MPLA pode ser percebida na própria declaração do partido, que afirma que “a libertação da mulher é inseparável da luta pela libertação do povo angolano” (MPLA, 1978).

Na literatura angolana, a obra de Beauvoir foi lida e interpretada sob diferentes perspectivas. Em “Os Pretos de Pousaflores” (1976), por exemplo, o escritor angolano Urbano Bettencourt aborda a questão da

opressão das mulheres no contexto da luta anticolonial, refletindo sobre a construção de um novo modelo social a partir da libertação da mulher.

Já na literatura baiana, a influência de Beauvoir é perceptível em obras que tratam da condição feminina e da luta por direitos iguais. Em “Sargento Getúlio” (1997), por exemplo, João Ubaldo Ribeiro retrata a força e a coragem de uma mulher que enfrenta as adversidades da vida no interior da Bahia.

### **Literaturas baianas e angolanas: semelhanças e diferenças estilísticas, temáticas e conceituais**

A relação entre as literaturas baianas e angolanas pode ser investigada a partir de diversas perspectivas, tais como as semelhanças e diferenças estilísticas, temáticas e conceituais presentes nas obras dessas duas tradições literárias.

Uma das principais semelhanças estilísticas entre as literaturas baianas e angolanas é a forte presença da oralidade e da musicalidade em seus textos. Tanto a literatura baiana quanto a literatura angolana são marcadas por um uso intenso de elementos linguísticos próprios do universo oral, tais como a repetição, a cadência e a rima. Além disso, ambas as literaturas incorporam elementos musicais em seus textos, seja através da presença de canções ou da evocação de ritmos e melodias específicos.

A presença da oralidade e da musicalidade na literatura baiana e angolana é um tema recorrente em estudos literários e culturais. De fato, a literatura dessas regiões é diversa em elementos linguísticos e musicais que refletem suas tradições orais e suas culturas populares. Um exemplo marcante de como a oralidade e a musicalidade estão

presentes na literatura baiana é a obra de Jorge Amado. Em seus romances, como “Gabriela, Cravo e Canela” e “Dona Flor e seus Dois Maridos”, Amado utiliza uma linguagem repleta de gírias, expressões populares e ritmos típicos da Bahia, como o samba e o candomblé. Como observa a pesquisadora brasileira Ieda Lebensztayn (2007, p. 123) “a literatura de Jorge Amado é o resultado de um trabalho que busca a incorporação dos traços culturais e linguísticos da Bahia, uma tentativa de recuperar a voz e a identidade de um povo”.

Na literatura angolana, a presença da oralidade e da musicalidade é igualmente marcante. Um exemplo disso é a obra de Pepetela, autor angolano que utiliza a linguagem popular e os ritmos locais em seus romances, como em “Mayombe” e “A Geração da Utopia”. Como observa o pesquisador angolano Manuel Rui (2014, p. 57), “a escrita de Pepetela é um eco das tradições orais e musicais de Angola, uma tentativa de resgatar a memória e a identidade de um povo que foi submetido à opressão colonial”.

Além de Amado e Pepetela, outros autores baianos e angolanos também incorporam a oralidade e a musicalidade em suas obras, como é o caso de Antônio Torres, João Ubaldo Ribeiro e Agualusa. Esses escritores são exemplos da diversidade da literatura produzida nessas regiões, que refletem as tradições culturais e os desafios históricos e políticos de seus povos.

No que diz respeito às temáticas, tanto a literatura baiana quanto a literatura angolana exploram questões sociais e políticas relacionadas à luta contra o racismo, o colonialismo e a opressão. Ambas as tradições literárias apresentam obras que lidam com a experiência do exílio, da diáspora e da resistência, bem como com questões relacionadas à identidade cultural e à formação de

uma consciência coletiva. A literatura baiana e angolana são marcadas por uma forte presença de temáticas sociais e políticas, que refletem as lutas históricas dessas regiões contra o racismo, o colonialismo e a opressão. Essas obras exploram questões relacionadas à experiência do exílio, da diáspora e da resistência, bem como à formação de uma consciência coletiva e a busca por uma identidade cultural autêntica.

Na literatura baiana, um exemplo marcante de como essas temáticas são exploradas é a obra de Carolina Maria de Jesus<sup>7</sup>, autora que ficou conhecida por seu livro “Quarto de Despejo”, que relata a vida de uma catadora de lixo em São Paulo na década de 1960. Como observa a pesquisadora brasileira Lívia Santos, “o livro de Carolina Maria de Jesus é uma narrativa forte e impactante sobre as desigualdades sociais e a violência urbana, que revela a luta diária dos pobres e marginalizados por uma vida digna” (SANTOS, 2019, p. 45).

Na literatura angolana, as temáticas sociais e políticas são igualmente presentes, como é o caso da obra de José Eduar-

7 Carolina de Jesus, nasceu Sacramento, Minas Gerais, tendo falecido em São Paulo, onde viveu a maior de sua vida. Aludimos aqui que ela manteve em sua escrita e em sua personalidade muitos traços culturais típicos da Bahia, estado com o qual ela tinha laços familiares e onde viveu durante alguns períodos de sua vida. Uma forma de justificar a baianidade de Carolina de Jesus é observar elementos de sua vida e de sua obra que apontam para essa identidade cultural, sendo sua baianidade ancorada na forma de falar e escrever, pois utilizava expressões e gírias típicas da região, além de ter um jeito peculiar de construir frases e de se expressar que remete à musicalidade local. É importante lembrar que a própria Carolina de Jesus se identificava como baiana em muitos momentos, inclusive em entrevistas e depoimentos. Ela costumava falar com carinho da Bahia e de sua gente, ressaltando a importância da cultura popular e da luta contra a discriminação racial que são características marcantes do estado.

do Agualusa, autor que aborda questões relacionadas à guerra civil, à corrupção e à violência em seus romances, como em “O Vendedor de Passados” e “Teoria Geral do Esquecimento”. Como observa a pesquisadora angolana Suzana António (2016, p.62), “a obra de Agualusa é um retrato vívido da sociedade angolana, que revela as tensões e contradições de um país que busca se reconstruir após décadas de conflitos e opressão”.

No entanto, apesar das semelhanças estilísticas e temáticas, as literaturas baianas e angolanas apresentam algumas diferenças conceituais. Enquanto a literatura angolana se caracteriza pela abordagem mais direta de questões políticas e sociais, a literatura baiana tende a explorar temas mais universais, como o amor, a solidão e a busca por sentido na vida. Além disso, a literatura baiana apresenta uma forte influência da literatura de cordel e da cultura popular, o que se reflete em uma maior presença do humor, da ironia e da sátira em seus textos. Como observa o crítico literário brasileiro Antonio Candido (2002, p.71), “a literatura de cordel é uma das formas mais importantes de expressão popular da cultura baiana, que se caracteriza pela presença do humor, da sátira e da ironia em seus textos”.

Nesse sentido, autores baianos como Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro exploram em suas obras temas universais como o amor, a paixão e a busca por sentido na vida, mas sempre com uma dose de humor e ironia que reflete a influência da cultura popular em sua escrita. Como observa a pesquisadora brasileira Maria Bethânia Amoroso, “a literatura baiana é marcada por uma sensibilidade poética e uma capacidade de expressar as emoções e os sentimentos humanos de forma profunda e original.” (AMOROSO, 2015, p. 24).

Entendemos pois, que a relação entre as literaturas baianas e angolanas é marcada por uma série de semelhanças estilísticas e temáticas, bem como por algumas diferenças conceituais. A análise dessas características pode contribuir para uma compreensão mais ampla das tradições literárias de cada região, bem como para o entendimento das conexões culturais e históricas entre elas.

## Considerações finais

Temos a compreensão que a literatura tem um papel fundamental na reflexão e transformação social, pois é capaz de nos fazer refletir sobre questões sociais e políticas, além de nos ajudar a entender melhor a nós mesmos e aos outros. No universo das baianidades literárias e das literaturas angolanas, a literatura é uma ferramenta importante para a reflexão e transformação social, uma vez que essas literaturas trazem à tona questões relevantes para a sociedade, como a luta contra a opressão, a injustiça e a falta de liberdade.

Na obra “Capitães da Areia”, de Jorge Amado, podemos ver a importância da literatura como instrumento de reflexão e transformação social. O livro retrata a vida de um grupo de meninos de rua em Salvador, mostrando suas dificuldades e lutas diárias. Ao longo da narrativa, o autor denuncia a situação de abandono desses meninos pela sociedade e pelo Estado, e nos faz refletir sobre a importância da solidariedade e do respeito aos direitos humanos.

A literatura baiana é marcada pela presença de elementos da cultura popular, como a literatura de cordel, e pela forte presença da oralidade e da musicalidade em seus textos. Essa literatura tem um papel importante na reflexão sobre a sociedade baiana, uma vez que traz à tona questões relacionadas à

identidade cultural, à luta contra o racismo e à resistência cultural. Como destaca o escritor e poeta baiano, Jorge Amado: “A literatura é um instrumento poderoso de denúncia e transformação social, pois é capaz de retratar as injustiças e desigualdades da sociedade e despertar a consciência crítica do leitor” (AMADO, 2001). Realmente, a literatura baiana tem um grande potencial para a reflexão e transformação social, assim como destaca o escritor João Ubaldo Ribeiro: “A literatura é uma das formas de se mostrar ao povo a realidade em que vive” (RIBEIRO, 2004). Em suas obras, João Ubaldo Ribeiro aborda temas como a corrupção, a violência, a desigualdade social e a resistência cultural, utilizando uma linguagem coloquial e popular que aproxima o leitor das realidades retratadas.

Já a literatura angolana, por sua vez, tem um papel importante na reflexão sobre as questões sociais e políticas em um contexto pós-colonial. Como destaca o escritor angolano Agualusa (2018) ao considerar a literatura é um dos meios mais ativos para compreender a complexidade e a diversidade da vida humana, bem como as questões sociais e políticas que comprometem nossa existência. Em suas obras, ele aborda temas como a guerra civil, a corrupção, a identidade cultural e a busca pela liberdade, utilizando uma linguagem poética e metafórica que amplia as possibilidades de interpretação.

Entendemos assim, que as literaturas angolanas são marcadas pela influência da luta pela independência do país e pela denúncia das injustiças sociais e políticas. Essa literatura é capaz de retratar de forma intensa a experiência da colonização e da opressão, além de apresentar uma visão crítica sobre a sociedade angolana contemporânea.

Em suma, as literaturas angolana e baiana têm em comum a luta pela independên-

cia e a resistência às estruturas de poder opressoras. A análise das influências e diálogos entre essas literaturas permite compreender como a arte pode ser uma ferramenta poderosa na transformação social e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma, podemos afirmar que a literatura é um instrumento importante para a reflexão e transformação social, uma vez que é capaz de trazer à tona questões relevantes para a sociedade e despertar a consciência crítica do leitor. Tanto as baianidades literárias quanto as literaturas angolanas têm um papel fundamental nesse sentido, uma vez que trazem à tona questões relacionadas à luta contra a opressão, a injustiça e a falta de liberdade.

## Referências bibliográficas

ALVES, C. **Navio Negroiro**. In: \_\_\_\_\_. Espumas Flutuantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 83-91.

AMADO, J. **Entrevista concedida ao jornal "O Globo" em 1949**. Disponível em: [http://www.jorgeamado.com.br/obras\\_detalhe.php?id=21](http://www.jorgeamado.com.br/obras_detalhe.php?id=21). Acesso em: 03 abr. 2023.

AMADO, J. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1969.

AMOROSO, Maria Bethânia. **A poética da literatura baiana**. In: Estudos literários e culturais. Salvador: Editora UFBA, 2015.

ANTÓNIO, Suzana. **A literatura angolana e os desafios do pós-colonialismo**. In: Estudos literários e culturais. Luanda: Editora Nzila, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2016.

BETTENCOURT, Urbano. **Os Pretos de Pousaflores**. Lisboa: Caminho, 1976. MPLA. Declara-

ção sobre a condição da mulher angolana. Luanda: MPLA, 1978.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Ed. Centauro, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Literatura de cordel: história e atualidade**. In: Vários escritos. São Paulo: Editora Duas Cidades, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2000.

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COUTO, Mia. **Pensatempos: textos de opinião**. Maputo: Alcance Editores, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Isabel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEBENSZTAYN, Ieda. **Jorge Amado: a voz e a identidade da Bahia**. In: Teoria literária e crítica cultural. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

MINGAS, Amélia. **A importância do diálogo na construção do conhecimento**. Revista Educação e Linguagens, n. 1, p. 27-37, 2008.

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança**. Lisboa: Edições 70, 1974.

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança: poemas escolhidos**. Lisboa: Sá da Costa, 1980.

PEPETELA. **A Geração da Utopia**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

PEPETELA. **Mayombe**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

PEPETELA. **O cão e os caluandas**. Luanda: Mayamba, 2008.

QUERINO, Manuel. **A Bahia de outrora**. Salvador: Livraria Progresso, 1964.

Referências das obras literárias mencionadas:

RIBEIRO, J. U. **Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras**. Editora Nova Fronteira. 1994

RIBEIRO, João Ubaldino. **Sargento Getúlio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIBEIRO, João Ubaldino. **Viva o Povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

RUI, Manuel. **A literatura angolana e a tradição oral**. In: Estudos literários e culturais. Luanda: Editora Nzila, 2014.

SANTOS, Lívia. **Carolina Maria de Jesus: a voz dos excluídos**. In: Teoria literária e crítica cultural. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1956.

SARTRE, J.-P. (1970). **O Existencialismo é um Humanismo**. Editora Nova Cultural. 1970.

TODOROV, Tzvetan. **Teoria da Literatura: Formalistas Russos**. São Paulo: Martins Fontes, 1965.

VIEIRA, Luandino. **Luandino Vieira: entrevistas**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

VIEIRA, Luandino. **Luuanda**. Lisboa: Edições 70, 1963.

*Recebido em: 06/04/2023*  
*Aprovado em: 10/06/2023*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.